

do desenvolvimento econômico, social e político do Brasil. A historiografia muito espera do labor e lucidez de Anita Novinsky.

FRANCISCO IGLÉSIAS

\*

\* \*

HOLANDA (Sérgio Buarque de). — *História geral da civilização brasileira*.

II. *O Brasil monárquico*, volume V: *Do Império à República*. São Paulo. Difusão Européia do Livro. 1972. 436 págs.

Com um volume inteiramente de sua lavra, no qual são estudados os últimos vinte anos do regime imperial, concluiu Sérgio Buarque de Holanda a segunda parte (Brasil monárquico) de sua grande obra, a *História geral da civilização brasileira*, que, assim, totalizou sete grandes tomos. Para a sua apreciação integral, julgamos oportuno transcrever as palavras do Professor Pedro Moacyr Campos, que, carinhosa e dedicadamente assistiu a Sérgio Buarque de Holanda na coordenação da obra: “A iniciativa de publicar a presente *História Geral da Civilização Brasileira* apenas será compreendida em toda a sua extensão, se a relacionarmos com um empreendimento já levado a cabo pela Difusão Européia do Livro, a edição brasileira da *História Geral das Civilizações*, dirigida por M. Crouzet. Deveras, uma apresentação da história do Brasil em novos moldes, orientada pela preocupação de mostrar a continuidade do processo histórico em seus diversos ramos, objetivando uma reconstituição do passado brasileiro no seu conjunto, sem atribuir precedência a qualquer setor de atividades — política, econômica, etc. — somente terá real sentido se puder enquadrar-se numa visão semelhante da história geral. Não nos exporemos, assim, ao perigo de encarar o panorama brasileiro como algo autônomo, no quadro de uma história em que não há lugar para autonomias desta ordem. Pois o próprio processo histórico é, essencialmente, constituído pelo infinito entrelaçamento de realações entre elementos das mais diversas origens, e só através delas podemos pretender compreendê-lo. História do Brasil, sim, Mas com a possibilidade de ajustá-la no amplo cenário de uma história geral concebida em termos que satisfaçam às exigências do mundo presente. As duas coleções da Difusão Européia do Livro, portanto, completam-se, integram-se harmoniosamente uma na outra. E nisto reside um mérito considerável. Feliz, também, a entrega da *História Geral da Civilização Brasileira* à direção de Sérgio Buarque de Holanda. Dificilmente imaginamos alguém de vistas mais largas, de horizontes mais rasgados. Sua curiosidade sempre alerta, sua cultura geral assentada em invejáveis alicerces, sua vivacidade intelectual, sua capacidade de trabalho transformaram-no no historiador que todos conhecemos e admiramos. As linhas pelas quais pautou sua nova obra recomendamos-no, ainda mais, aos nossos encômos. Encabeçando uma equipe de especialistas, timbrou em deixar-lhes toda liberdade, reser-

vando-se, somente, a elaboração do plano geral, o direito da escolha dos colaboradores e de harmonização dos capítulos de cada um deles. Não impôs restrição, não reclamou obediência a qualquer norma, nem de longe procedeu segundo qualquer preconceito. Demonstrou, com isto, sua descrença em critérios infalíveis, em soluções definitivas, que se revelam, quase sempre, tão inçadas de perigos para o leitor pouco prevenido. *A História Geral da Civilização Brasileira* não tem pretensões a propor o assunto segundo um esquema fechado: o público, em geral, empenhado no enriquecimento de sua cultura, terá, por intermédio dela, a oportunidade para uma visão larga do processo formativo do país; alguns, certamente, encontrarão aí um estímulo para novas pesquisas, levando-a a constituir-se numa etapa dos estudos da história brasileira, proporcionando novas sugestões, favorecendo novas idéias, fertilizando a mente dos jovens que se sintam atraídos por este ramo de estudos”.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\*

\* \*

IGLÉSIAS (Francisco). — *História e Ideologia*. São Paulo. Editora Perspectiva. 1971 (\*).

Focalizando temas afins, os cinco ensaios de Francisco Iglésias coligidos em *História e Ideologia* (Um conceito equivoco — a História Universal; Natureza e ideologia do colonialismo no século XIX; Estudo sobre o pensamento de Jackson de Figueiredo; Celso Furtado, pensamento e ação; Pensamento político de Fernando Pessoa) são todos capítulos da história das idéias, terreno resvaladido, cheio de armadilhas para o intérprete, porque situado justamente no ponto de junção do pensamento teórico com as circunstâncias práticas que o condicionam. No caso, o intérprete, historiador por ofício, adota uma “linha comum em todos os ensaios, que é a preocupação histórica e o tratamento em termos de situação do tema em relação ao tempo e ao local” (pág. 13). Requisito para a análise de quaisquer idéias, sejam religiosas, artísticas ou políticas, essa perspectiva metodológica não poderia faltar a estudos como os de Iglésias, tão sérios e densos quanto flexíveis nos seus juízos conclusivos. Mas vemos, desde o primeiro deles, que a metodologia prolonga-se em epistemologia. Pois que é epistemológica a questão do conteúdo ideológico da História Universal, tal como esta se firmou em torno da idéia de Humanidade enquanto sujeito do progresso material e espiritual, elaborada, a partir da filosofia da Ilustração, por Condorcet, Herder, Kant e Hegel. “A história geral, universal, é uma abstração, um equívoco. Há histórias parciais de determinados povos ou culturas” (pág. 50). Se hoje admitimos não mais do que a existência de “histórias parciais”, se o co-

(\*). — Reproduzido, devidamente autorizado, do Suplemento Literário do Jornal “Minas Gerais” de 7 de outubro de 1972. (Nota da Redação).